

INGLÊS INSTRUMENTAL: LEITURA CRÍTICA - uma abordagem construtivista

Reinildes Dias

DIAS, Reinildes. *Inglês-instrumental: leitura crítica - uma abordagem construtivista*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1988, 124p.

O Livro da Prof^a. Reinildes Dias, *Inglês-instrumental: leitura crítica - uma abordagem construtivista*, é um diálogo em diversos planos.

No plano de sua produção, o livro constitui um diálogo tecido com os saberes e práticas do magistério de Língua Inglesa, ao longo de alguns anos, em escolas de 3^o e 2^o Graus de Minas Gerais. O que foi decisivo para um novo diálogo: o dos saberes e práticas vividos com os saberes que

vieram a ser sistematizados na sua tese de Mestrado (Faculdade de Letras/UFMG) sobre a semiótica do discurso escrito: *The Semiotics of Written Discourse and the Dual Representation of Information in Memory: An Application of Nonverbal Elements to FL Reading Methodology*. Dessa experiência dialogada surge, pois, o resultado, na forma de livro, suporte didático com que orienta o Curso de Inglês Instrumental em nível universitário e secundário, incluindo-se, por exemplo, nesse nível, o ensino de Inglês Instrumental no Colégio Técnico (UFMG) onde é professora.

No plano do produto, ou conteúdo produzido, o livro objetiva sistematizar a experiência de Ensino de Inglês em torno do texto. O seu objeto é a Leitura. E, como tal, incorpora ele a prática de ler como construção de significados, o que implica, para o agente-leitor, a posição de quem dialoga semioticamente com o material verbal e não-verbal originário do agente-autor do texto. Disso decorre a inevitável posição de instabilidade semiótica para o texto, pois o agente-leitor faz-refaz o material de leitura e, assim, instaura-se criticamente uma nova posição originária de significados. É, nestes termos, a prática da Leitura Crítica. É o ler como prática discursiva, o que significa a instauração do diálogo no plano, agora, do produto-texto que o livro privilegia para o Ensino. E por que motivo não pensar que esse produto possa ser tratado como processo?

Como se dá, pois, a prática de diálogo do agente-leitor com o agente-autor do texto? É com essa pergunta que a Professora Reinildes

levanta as Estratégias de Leitura, isto é, os Instrumentos com os quais o agente-leitor opera os significados do material verbal e não-verbal do texto, e com os quais vai manipulando as diversas situações de leitura e suas respectivas intenções. É assim que o agente-leitor trabalha: ao manipular as Estratégias de Leitura, que são os operadores de construção dos significados do texto, não só aprende ele a construir esses significados, mas aprende, ainda, a construir a sua própria aprendizagem de construí-los, ou a prática de manipular os operadores e situações de leitura. Com isso, instaura-se um outro plano de diálogo: o leitor dialoga com os operadores, dirigindo a sua aprendizagem de uso destes nas diversas situações em que o texto é manipulado. É o sentido da abordagem construtivista em Leitura.

Poder-se-ia, contudo, dizer que está, ainda, aberto um novo diálogo na prática de leitura sistematizada pela Professora Reinildes em seu livro.

Considerando que o livro trata da construção dos significados no nível das manifestações mais imediatas da organização do texto, o que falta é, exatamente, o diálogo dessas manifestações com as manifestações menos imediatas, em busca das fontes históricas dos significados gravados no texto pela ação do agente-autor e do agente-leitor. O que falta é, em outras palavras, a mobilização dos operadores de leitura pelas diversas situações do ler com vistas e se processar a crítica do texto, prática discursiva, enquanto atividade que desvenda a história da produção dos significados. O livro aborda, pois, uma face da produção dos significados sem a qual não se avança na direção da outra face, a qual, por si só, não promoveria a crítica dos significados. O que falta é a mobilização das duas faces pela metodologia do ler, o que introduziria na relação dialógica da atividade de leitura a ação da História. Fica, pois, a Professora a nos dever uma produção didática que caminhe além dos passos que ela já deu até então.

EDSON NASCIMENTO CAMPOS
Professor do Colégio Técnico da UFMG

